

**UNIVERSIDADE BRASIL  
CURSO DE PSICOLOGIA**

**ADRIANA RIBEIRO NUNES**

**A FORMAÇÃO DA SEXUALIDADE FEMININA E SUA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA  
NA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

São Paulo

2019

**A FORMAÇÃO DA SEXUALIDADE FEMININA E SUA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA  
NA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

Adriana Ribeiro Nunes

Orientador: Ms. Fábio Pinheiro Santos

Trabalho de Conclusão de Curso de  
Graduação apresentado à Universidade  
Brasil, como parte dos requisitos  
necessários para obtenção do título de  
Bacharel em Psicologia.

São Paulo

2019

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo desenvolver reflexões acerca da sexualidade feminina à luz da Psicanálise e assim abordar sua construção histórica e social. Para isso foram apresentados alguns conceitos das obras de Sigmund Freud que a partir do pai da psicanálise, o feminino e sua forma de atingir a feminilidade são colocados como objetos científicos de estudo. Através dessa pesquisa foi possível analisar como alguns teóricos pensam a sexualidade feminina e quais seus efeitos que reverberaram historicamente. E com Freud que a Psicanálise inicia sua trajetória de descrever o caminho da conquista da feminilidade e assim conclui-se que se abre caminhos para que outros psicanalistas possam discorrer sobre o assunto.

**Palavras-chave:** Feminino, Sexualidade, Psicanálise.

## 1. INTRODUÇÃO

Esse estudo teve como objetivo revisitar as obras psicanalíticas na perspectiva de entender a formação da sexualidade feminina e a sua construção histórica.

O tema propõe explicar os estudos de Freud sobre a histeria e qual era papel da mulher no século XIX na vivência da sua sexualidade, e como esse papel é exercido hoje no século XXI, abordar os sintomas que o recalque traz na manifestação dela.

Através dessa pesquisa pretende-se observar se há o tabu da sexualidade feminina nos dias atuais e o quanto ainda essa questão está arraigada em conceitos do passado, se há sofrimento psíquico por não saber lidar com as manifestações do desejo e o quanto a mulher foi subjugada principalmente no que tange os aspectos da vivência da sua sexualidade. Como se dá a castração psíquica? Essa castração sofre influência sobre a cultura que essa mulher está inserida? Se castra o prazer feminino para a manipulação?

Para Freud (1893-1895) no livro Estudos sobre a histeria, aborda o estudo de caso sobre a Srta. Anna O, afirmando que “O elemento sexual era espantosamente pouco desenvolvido; a doente, cuja vida tornou-se transparente para mim como raramente a de um ser humano para outro, jamais tivera um amor e em todas as numerosas alucinações de sua doença nunca emergiu esse elemento da vida psíquica”.

Para Freud (1893) a histeria é um sintoma de ideias, a histeria é uma ideia sexual, as histéricas sofrem de reminiscências (falsas memórias) como o caso de Anna O, quando alucina com ideias sexuais relacionadas a Breuer. Para Freud a histeria é um sintoma de todo ideal de feminilidade, aquela que não se adequa a época e ao contexto histórico.

O interesse pela visão psicanalítica se deu na forma de entender a construção da personalidade e os seus desdobramentos para explicar assim a sexualidade feminina e os quais os sintomas manifestos no corpo físico pela sua repressão. A

psicanálise permite tratar a sexualidade humana de forma isenta de preconceitos, constatando que a sexualidade de cada ser humano é construída na história das suas relações objetivas, não sendo como se pensava antes de Freud, uma mera determinação biológica.

O objetivo do tema é estudar a sexualidade feminina e a sua vivência desde a época de Freud com as históricas e assim contextualizar para os dias atuais.

## **1.1 PRINCIPAIS CONCEITOS DA PSICANÁLISE**

Para a compreensão da psicanálise se faz necessário a explanação dos seus principais conceitos. De acordo com o Vocabulário da Psicanálise de Laplanche e Pontalis, (1982), abordaremos seus principais conceitos.

Sobre a psicanálise podemos dizer que é um método de investigação que consiste em evidenciar o inconsciente das palavras, das ações, das produções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de um sujeito. Este método baseia-se principalmente nas associações livres do sujeito, sendo a associação livre o método que consiste em exprimir indiscriminadamente todos os pensamentos que ocorrem ao espírito, quer a partir de um elemento dado (palavra, número, imagem de um sonho, qualquer representação) quer de forma espontânea.

A maior descoberta freudiana foi o inconsciente, que é toda a base para compreender o pensamento psicanalítico, assim podemos defini-lo como o reservatório usado para exprimir o conjunto dos conteúdos que não estão presentes no campo da consciência, sendo constituído por conteúdos recalçados aos quais foram recusados o acesso ao sistema pré-consciente-consciente, produzindo assim o recalque que é a operação pela qual o sujeito procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão. O termo recalque é tomado muitas vezes por Freud (1915) numa acepção que o aproxima de “defesa”, sendo o recalque especialmente patente na histeria. A histeria que pode ser descrita como uma classe de neuroses que apresentam quadros clínicos muito variados. As duas formas sintomáticas são a histeria de conversão, quem que

o conflito psíquico vem simbolizar-se nos sintomas corporais mais diversos, (crise emocional com teatralidade) ou mais duradouros (anestésias, paralisias histéricas etc.), e a histeria de angústia, em que a angústia é fixada de modo mais ou menos estável neste ou naquele objeto exterior (fobias). A definição de neurose está ligada ao sintoma que se relaciona com a expressão simbólica de um conflito psíquico que tem raízes na história infantil do sujeito e assim constitui compromissos entre o desejo e a defesa.

Freud (1923), postulou a teoria do aparelho psíquico em sua segunda tópica e atribuiu ao psiquismo a capacidade de transmitir e de transformar uma energia determinada e a sua diferenciação em sistemas ou instâncias. São instâncias psíquicas o Id, Ego e Superego: Uma das três instâncias psíquicas diferenciadas por Freud: o Id, constitui o polo pulsional da personalidade. Entende-se a pulsão como o processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); o seu objetivo é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir a sua meta, que é a sua gratificação. O Id é para Freud, o reservatório inicial da energia psíquica; do ponto de vista dinâmico entra em conflito com o Ego e o Superego, sendo os seus conteúdos: inconscientes, hereditários, inatos, recalcados e adquiridos. O Ego está numa relação de dependência tanto para as reivindicações do Id, como para com os imperativos do Superego. Embora se situe como mediador, encarregado dos interesses da totalidade da pessoa, a sua autonomia é apenas relativa. O Superego herdeiro do complexo de Édipo; constitui-se por interiorização das exigências e das interdições parentais, o seu papel é assimilável ao de um juiz ou de um censor relativamente ao Ego. Freud (1923), vê na consciência moral, na auto-observação, na formação de ideias, funções do Superego.

Outro conceito chave na psicanálise está relacionado ao Complexo de Édipo que é o conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Alusão a história de Édipo-Rei da mitologia. O apogeu do complexo de Édipo é vivido entre os três e os cinco anos e é revivido na puberdade num tipo especial de escolha de objeto. O complexo de Édipo desempenha papel fundamental

na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano. Pensar esse desejo que é inerente ao humano nos remete a pensar no conceito de libido que é descrito em psicanálise como energia psíquica, o termo em si significa em latim vontade, desejo. Essa energia postulada por Freud (1915), como substrato das transformações da pulsão sexual quanto ao objeto. Importante ressaltar que a sexualidade para a psicanálise não designa apenas a atividade e o prazer que dependem do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância que proporcionaram um prazer a satisfação de uma necessidade fisiológica (respiração, fome, função de excreção etc.), e que se encontram a título de componentes na chamada forma normal do amor sexual.

A psicanálise confere grande importância a sexualidade no desenvolvimento e na vida psíquica do ser humano. Mas não poderemos compreender esta tese sem avaliarmos ao mesmo tempo, a transformação por que passou a noção de sexualidade. (Laplanche e Pontalis, 1982).

Todo o trabalho de Freud foi erguido, principalmente a partir do modo como suas pacientes histéricas revelavam, por meio de seu sofrimento, as facetas do que até então não pudera ser alcançado por nenhum outro autor interessado no estudo da sexualidade humana. (Garcia, 2013).

## **1.2 CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA SEXUALIDADE FEMININA**

Ao falar da construção histórica da sexualidade feminina é importante ressaltar conceitos no que diz respeito a sexualidade humana. De acordo com Figueiró (2006), a sexualidade inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade. Inclui, também, os valores e as normas morais que cada cultura elabora sobre o comportamento sexual.

Neste artigo, farei um breve percurso através da história a fim de assinalar o quanto que, através de um discurso religioso e científico, a origem da sexualidade feminina foi respaldada numa leitura negativa, assim abordarei algumas construções culturais, tendo como exemplo, a histeria. A psicanálise estudou as influências das normas sociais na formação do sintoma histérico. Estudar a histeria promoveu um novo olhar sobre as mulheres, considerando que a repressão da sexualidade foi o ponto principal por trás desta patologia.

A seguir um breve histórico do papel da mulher nas sociedades e como sua sexualidade era exercida.

A sexualidade da mulher desde a Grécia Antiga foi marcada por diferenças em relação aos homens: submissas, sem direito a voz ou prazer, elas também eram a imagem da loucura e da histeria. Desde esta época, a histeria foi associada à feminilidade, pois a maioria dos casos ocorriam em mulheres. A explicação era que o útero podia navegar pelo corpo da mulher causando ataques convulsivos, febres e outras alterações. A demora para engravidar ou a viuvez eram considerados motivos para se deflagrar a histeria. (BIRMAN, 2001).

Na Idade Antiga (4000 a.C. - 476 d.C.), o mundo se debatia com a problemática do feminino e da mulher através da ocorrência da histeria. Hipócrates (460 - 375 a.C.) e Platão (427 - 347 a.C.) defendiam a tese de que a histeria era uma enfermidade orgânica de origem uterina e, portanto, especificamente feminina. Eles imaginavam que o útero era o responsável direto por tudo quanto dizia respeito ao mundo feminino, alimentando a crença de que a anatomia designava seu destino e único desejo: o de ter filhos. Nessa perspectiva, o útero não deveria ficar inativo e estaria sempre a serviço da procriação para o próprio bem-estar psíquico da mulher (LAQUEUR, 2001).

Na Idade Média a mulher foi subjugada pelo cristianismo, a sociedade patriarcal foi sustentada pela igreja e o feminino foi considerado dentro desta instituição como algo perigoso, descontrolado maligno o que se verificou terrivelmente na cassa as bruxas. (ROUDINESCO, 2003).



Nas representações cristãs da união conjugal a mulher era sempre mostrada virada, com o dorso no chão, deveria deixar o homem laborar seu fértil sulco. O prazer era proibido e a inversão desta posição sexual também poderia perverter a ordem no mundo (ROUDINESCO, 2003).

É ilustrativa a seguinte passagem bíblica: Mulheres, sujeitem-se a seus maridos, como ao senhor, pois o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, que é o seu corpo, do qual ele é o salvador. Assim como a igreja está sujeita a Cristo, também as mulheres estejam em tudo sujeitas a seus maridos. (BÍBLIA SAGRADA, Efésios cap. 5, vers. 22-24).

Nesse contexto, Del Priore (2004), salienta que a igreja tinha grande influência sobre a sexualidade feminina, pregava que as mulheres deveriam ter seus desejos desde muito cedo abafados e reprimidos, para que assim elas não caíssem em tentação como aconteceu com Eva no jardim do éden. Desse modo, após terem seus desejos domados, as mulheres se tornavam aptas para o matrimônio. Na visão da sociedade misógina, a maternidade teria de ser o ápice da vida da mulher.

Segundo a historiadora Mary Del Priore (2011: 90), em fins do século XIX e início do século XX:

A mulher tinha que ser naturalmente frágil, bonita, sedutora, boa mãe, submissa e doce. As que revelassem atributos opostos seriam consideradas seres antinaturais. Partia-se do princípio de que, graças à natureza feminina, o instinto materno anulava o instinto sexual e, conseqüentemente, aquela que sentisse desejo ou prazer sexual seria inevitavelmente anormal.

No século XIX, as repressões aos desejos sexuais ainda eram muito fortes. Foi quando Freud iniciou suas investigações e no início do século XX, embora o sexo ainda fosse um assunto tratado com pudor, Freud surge com investigações até então ignoradas, creditando a sexualidade papel fundamental no comportamento e nas relações interpessoais. Foi perseguido, criticado, contudo a sua pesquisa foi de grande importância no campo da sexualidade, assim como, na compreensão psíquica

Wilhelm Reich em *Psicologia das Massas do Fascismo* (1972). Defende que a repressão da sexualidade infantil tem como finalidade “a criação do indivíduo submisso que se adapta à ordem autoritária”. Assim, a inibição da sexualidade na infância segundo Reich, resultará numa criança obediente e num adulto dócil, treinado e condicionado as repressões impostas pelo Estado. Levando assim a paralisação de qualquer impulso que saia dos padrões da moralidade dominante, pois, qualquer ação que contrarie os moldes impostos é logo associada ao medo.

### **1.3 SEXUALIDADE FEMINA E A PSICANÁLISE**

Em *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade* de 1905, Freud escreveu que a vida sexual dos homens “somente, se tornou acessível à pesquisa. A das mulheres, ainda se encontra mergulhada em impenetrável obscuridade”.

O período inicial do estudo freudiano da sexualidade feminina foi inteiramente dominado pela crença infantil na universalidade do pênis. De fato, na fase genital infantil, o menino investe e supervaloriza narcisicamente o próprio pênis e, movido por uma intensa curiosidade, levanta inúmeras questões ligadas ao enigma da sexualidade. Não recebendo dos adultos respostas adequadas, nem esclarecedoras, ele começa a fabular, no jogo de suas fantasias, algumas “teorias” sexuais que adquirem, para ele, a força persuasiva de uma verdadeira crença. Entre essas crenças, sobressai a de que todos os seres humanos têm um pênis. Freud (1905, p. 100) escreve: “Para o menino, é evidente que um órgão genital como o seu deve ser atribuído a todas as pessoas que ele conhece”. Quem não o tem, ou ainda vai tê-lo, ou, então, tinha e foi castrado.

Freud afirma que o menino sai do complexo de Édipo devido à ameaça de castração e para a menina essa última seria condição para a entrada no Édipo. Freud ainda acredita que o complexo de Édipo das meninas seria mais simples. Dessa maneira, bastaria para elas assumir o lugar da mãe e adotar uma atitude feminina com o pai. As mudanças decorrentes dessa situação viriam muito mais de uma

intimidação proveniente do exterior que acarretaria na menina o medo da perda do amor, com a conseqüente renúncia ao objeto amoroso.

Ainda em Três ensaios da sexualidade 1905 Freud inicialmente tentou entender a feminilidade em paralelo à masculinidade, atribuindo uma equivalência da passagem da menina à passagem do menino pelo complexo de Édipo. Entretanto, em certo ponto do desenvolvimento de sua teoria, Freud anuncia uma diferença radical entre o modo feminino e o modo masculino de passar pelos tempos edípicos.

No texto “Sexualidade feminina” (1931) ele anuncia que a menina, diferentemente do menino, passa por um tempo anterior à sua entrada no complexo de Édipo, tempo este, onde, tal como o menino, ela toma a mãe como objeto. Assim, a entrada da menina no Édipo (diferentemente da do menino, que se dá ao tomar a mãe como objeto) implica em um movimento duplo: no abandono da mãe enquanto objeto e na tomada do pai como tal. Assim, abandona a fase fálica, prejudicando a sua sexualidade.

Para Freud (1931), as possíveis saídas para a mulher perante o complexo de Édipo são as três potenciais linhas de desenvolvimento: inibição sexual ou neurose, complexo de masculinidade e feminilidade normal. Segundo Freud (1931/1936), o complexo de castração para a mulher, muitas vezes, gera um sentimento de inferioridade em relação ao homem, que leva a garota a se posicionar dessas três maneiras possíveis.

Na primeira saída há uma inibição da sexualidade, causada por uma revolta geral com a sua sexualidade, devido à insatisfação da menina em relação ao seu clitóris, que é entendido por ela como um pequeno pênis.

A menina, assustada pela comparação com os meninos, cresce insatisfeita com seu clitóris, abandona sua atividade fálica e, com ela, sua sexualidade em geral, bem como boa parte de sua masculinidade em outros campos. (FREUD, 1931/1996, p.141)

Já na segunda saída, a menina, ao se deparar com a castração do falo, cria a esperança de um dia ter um falo. Sustenta-se pela fantasia de ser um homem um dia. Como Freud (1931) cita: a segunda linha a leva a se aferrar com desafiadora autoafirmação à sua masculinidade ameaçada. Até uma idade inacreditavelmente tardia, aferra-se à esperança de conseguir um pênis em alguma ocasião. Essa esperança se torna o objetivo de sua vida e a fantasia de ser um homem, apesar de tudo, frequentemente persiste como fator formativo por longos períodos. Esse 'complexo de masculinidade' nas mulheres pode também resultar numa escolha de objeto homossexual manifesta. (FREUD, 1931/1996, p.141)

A terceira saída acontece quando a menina consegue fazer a troca de objeto, tomando o pai como objeto, o que Freud considera como uma atitude feminina normal. Sobre isso, diz Freud (1931): só se seu desenvolvimento seguir o terceiro caminho, muito indireto, ela atingirá a atitude feminina normal final, em que toma o pai como objeto, encontrando assim o caminho para a forma feminina do complexo de Édipo. (FREUD, 1931/1996, p.141)

Para Freud (1931) a sexualidade feminina é ainda mais complexa do que a masculina por possuir dois órgãos como zonas sexuais privilegiadas (a vagina, que Freud define como zona feminina, e o clitóris, como zona masculina) de tal modo que a bissexualidade seja fortemente encontrada nas meninas (devido também à relação da troca objetual da mãe para o pai).

Há muito tempo compreendemos que o desenvolvimento da sexualidade feminina é complicado pelo fato de a menina ter a tarefa de abandonar o que originalmente constituiu sua principal zona genital – o clitóris- em favor de outra, nova, a vagina. Agora, no entanto parece-nos que existe uma segunda alteração da mesma espécie, que não é menos característica e importante para o desenvolvimento da mulher: a troca de seu objeto original – a mãe – pelo pai. A maneira pela qual essas suas tarefas estão mutuamente vinculadas ainda não nos é clara. (Freud, 1931/1996, p.233).

A feminilidade anunciada por Freud em 1931 e 1933 se refere ao papel da mulher na procriação, circunscrevendo a feminilidade como um paralelo da maternidade. Felizmente, hoje sabemos que o feminino se diferencia da histeria, porque o percurso do feminino não é o percurso histérico. E a mulher do século XXI é sujeito de um desejo cuja satisfação está além da aposta freudiana no casamento e na maternidade (KEHL, 1996).

Simone De Beauvoir (1967) trata de dar palavra às mulheres para que elas possam descrever a inexistência da sua posição. Em *O Segundo Sexo* sustenta que elas são privadas de ação, de ser o agente da ação que concerne o seu destino. E assim, fazem os homens falar por elas. As condições históricas e sociológicas tornaram as mulheres silenciosas, o que por sua vez, provoca o discurso do Outro sobre elas. Beauvoir (1967) "Ninguém nasce mulher, torna-se mulher". "A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo." Estas afirmações possivelmente sejam uma das maiores provocações que o feminino na história pode trazer à revolução do pensamento social e político do século XX.

Freud (1926) desde muito cedo se queixava da obscuridade que envolvia a vida sexual das mulheres e, por isso, definia-as como um continente negro. Ernest Jones (1955) relembra que Freud, certa vez, debatendo-se com essa obscuridade que cercava a feminilidade, teria dito a Marie Bonaparte que a grande questão que ainda não tinha sido capaz de responder, apesar de seus trinta anos de pesquisa da alma feminina, era: o que quer uma mulher?

## **2. DISCUSSÃO**

É certo que a construção do feminino na obra freudiana apresenta muitos pontos ambíguos, contraditórios e enigmáticos. A estrutura inicial das hipóteses freudianas para uma teoria da sexualidade é inspirada no modelo masculino, e a sua tentativa de explicar a posição feminina a partir dos esquemas masculinos mostra-se imperfeita.

Freud em 1931 ao escrever um artigo sobre a sexualidade feminina elabora uma teoria mais minuciosa sobre a questão edípica da menina e amplia a compreensão da sua sexualidade. Pode-se dizer que nessa primeira fase, a vida sexual da mulher reveste um caráter inteiramente masculino. Somente quando a menina recalca a sexualidade clitoriana masculina é que existe, para ela, a possibilidade de se tornar uma mulher.

A sexualidade é um fenômeno que faz parte da vida de todas as pessoas, como um evento universal e, ao mesmo tempo, singular a cada indivíduo, já que é uma elaboração específica. A construção da sexualidade é um processo extremamente complexo, que envolve, ao mesmo tempo, aspectos individuais, sociais, psíquicos e culturais que carregam historicidade e envolvem práticas, atitudes e simbolização.

Não se pode reduzir a concepção de sexualidade à genitalidade, ao ato sexual, à reprodução, como componente biológico relativo à necessidade meramente orgânica, que tende a classificá-la e normatizá-la. Como desafio, é preciso adotar um novo olhar, possibilitando a interpretação cultural que, contemple a expressão das diferenças, da diversidade e das peculiaridades. A partir dessa reflexão é possível valorizar a vivência e a historicidade de cada indivíduo. A construção da sexualidade faz parte da construção da identidade do indivíduo. Sendo a cultura e os valores em que o sujeito está inserido um dos principais pontos para essa formação.

As teorizações sobre a feminilidade na história da psicanálise foram permeadas pela discussão das controvérsias a respeito da estruturação sexual feminina. Num primeiro momento, temos a abordagem freudiana que coloca o falo como o estruturante da sexualidade masculina e feminina, e após estruturada pela castração edípica no texto de 1931 e assim seguida pelos debates dos pós-freudianos contrários a tal postura e que apontavam para uma equidade entre os sexos, chegando à teoria de Lacan, que propõe outro tipo de gozo na mulher.

É Lacan que vai, a partir de uma releitura de Freud, avançar no conhecimento sobre a mulher e o feminino, rearticulando a problemática fálica, o não-todo fálico, e seus gozos correspondentes.

### **3. CONCLUSÃO**

O conceito de sexualidade só foi criado no século XIX. É um conceito amplo, que envolve a manifestação da pulsão, que dela é decorrente: o desejo, a busca de objeto, a representação do desejo, a elaboração mental para realizar o desejo, a influência da cultura, da sociedade e da família, a moral, os valores, a religião, e a repressão permeiam toda essa construção da sexualidade humana. Ressaltando que a compreensão da sexualidade feminina sempre foi deixada em um segundo plano.

Apesar das críticas ao pai da psicanálise ao falocentrismo, foi ele que se propôs estudar o sintoma daquelas mulheres históricas, e deixou um legado para novos psicanalistas desvelar o enigma da sexualidade feminina.

Ainda hoje início do século XXI, temos uma herança da concepção de sexualidade ainda limitada, normatizada e geradora de culpa, angústia e ansiedade. Nós, indivíduos do século XXI, ainda sofremos as consequências desta moral que influenciou profundamente as atitudes em relação à sexualidade, é nessa perspectiva que temos que promover o debate e assim fomentar a questão da orientação sexual e a questão de gênero dentro da sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**, v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BIRMAN, J. **Gramáticas do erotismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação Sexual: Retomando uma proposta, um desafio**. 3. ed. Londrina: Eduel, 2010.

FREUD, Sigmund. **Estudos sobre a Histeria**. São Paulo; Companhia das Letras, 1893-1895.

FREUD, Sigmund. **Sexualidade feminina**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; (1996).

FREUD, Sigmund. **Três Ensaios Sobre A Teoria Da Sexualidade**. São Paulo; Companhia das Letras, 1901-1905.

GARCIA, José Carlos. **Problemáticas da Identidade Sexual**. São Paulo; Casa do Psicólogo, 2013.

JONES, E. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LAQUEUR, T. W. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.



PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PRIORE, Mary Del. **Histórias Íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta, 2011.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de Massas do Fascismo**. São Paulo, Martins Fontes, 1972.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: 2003.